

A história de vida profissional de uma professora da educação básica: relatos de sua prática docente e do ambiente escolar

Bruno de Sousa-Lopes¹

Resumo

Estudos que relatem a história de vida profissional de um docente da educação básica são imprescindíveis, pois a partir desses relatos é possível estabelecer correlações entre o ambiente escolar, a dedicação docente, a carreira no magistério e as interações que ocorrem entre os indivíduos que compõem o ambiente escolar. Portanto, esse tipo de estudo pode ajudar licenciandos e/ou licenciados recém-formados a criar repertório e a construir sua prática docente. Este trabalho se baseia em depoimentos de uma professora de Física, com aproximadamente trinta anos de experiência, obtidos por meio de entrevista e respostas a um questionário sobre os temas: a escola, a profissão de professor, a diversidade, a avaliação e as aulas. Ele contribui claramente para que se tenha uma visão geral sobre a dedicação, os conflitos e as interações no ambiente escolar e se conheça como funciona esse espaço.

Palavras-chave

Ensino-aprendizagem. Docência. Depoimento.

1. Doutorando em Entomologia pela Universidade de São Paulo, Campus Ribeirão Preto, São Paulo. E-mail: brunolopesprof@gmail.com.

Professional life story of a female basic education teacher: an account of her teaching practice and of the school environment

Bruno de Sousa-Lopes*

Abstract

Studies reporting on the professional life story of a basic education teacher are essential, because from these accounts it is possible to establish correlations between the school environment, teacher dedication, teaching career and interactions that occur between individuals that constitute the school environment. Moreover, this type of study can help undergraduates and/or graduates to broaden their repertoire and improve their teaching skills. This work is based on an interview with a physics teacher with approximately 30-year teaching experience and her answers to a questionnaire on the following topics: school, the teaching profession, diversity, student assessment and lessons. This work clearly gives an overview of the dedication, conflicts and interactions in the school environment as well as helping to understand how it works.

Keywords

Learning. Teaching. Testimony.

* PhD student in Entomology, University of São Paulo, Campus Ribeirão Preto, State of São Paulo, Brazil. E-mail: brunolopesprof@gmail.com.

Introdução

A escola é a única instituição social de frequência obrigatória para todos os sujeitos das novas gerações. Essa instituição, por meio de ações educativas proporcionadas pelos saberes, é essencial para a formação de novos cidadãos. Isso porque, no ambiente escolar, o indivíduo aprende a se relacionar, a ter responsabilidade e compromisso, entre outros valores, refletindo em seu sucesso ou insucesso social (KLEIN; PÁTARO, 2008). Sendo assim, podemos claramente perceber que o papel do professor é fundamental nesse processo. Contudo, para formar cidadãos, o professor não deve ser somente transmissor de conteúdos. Segundo Freire (2001), ele deve ser progressista, ou seja, deve levar em consideração a leitura crítica da realidade. Para ser mais claro, o docente deve ser aquele que ensina a pensar “certo” (não existe uma única resposta “certa” e sim lógicas diferentes) por meio dos conteúdos e não aquele que molda pensamentos homogêneos em indivíduos diferentes. Para isso é necessário inquietar e desafiar os educandos para que eles percebam que o mundo dado é um mundo que pode ser mudado, transformado ou reinventado.

Vistas as exigências que compõem a profissão de professor e a dificuldade de se obter resultados satisfatórios pela educação tradicional, que ainda impera nos dias atuais, os licenciados têm encontrado grandes dificuldades em exercer a profissão e muitos deles têm desistido (LAPO; BUENO, 2003), principalmente os jovens licenciados. A falta de conhecimento de práticas docentes e do ambiente escolar podem ser algumas das explicações para a evasão de professores recém-formados. Nesse sentido, trabalhos que revelem a história de vida de profissionais mais experientes podem ser imprescindíveis. Com base em seus depoimentos é possível

estabelecer correlações significativas entre o ambiente escolar, sua dedicação, sua carreira no magistério, as interações que ocorrem entre os indivíduos que compõem esse ambiente e, além disso, compreender como o estado intervém sobre as atividades do professor e, conseqüentemente, influencia o resultado de seu trabalho (DEMARTINI; TENCA; TENCA, 1985).

Este texto tem como objetivo descrever a prática docente e os ambientes escolares vividos por uma professora da educação básica, levando em conta suas experiências do passado (cargo do qual já se aposentou) e no presente (cargo que ocupa atualmente). A entrevistada foi uma professora de Física que atua na educação básica há quase 30 anos.

Metodologia

O trabalho foi feito em duas partes. A primeira delas ocorreu em novembro de 2014 com uma entrevista pessoal com a professora MLIR². A segunda ocorreu em janeiro de 2015, a partir da resposta de um questionário online. Ambas as partes tiveram autorização da professora para serem divulgadas.

A entrevista pessoal teve duração de aproximadamente duas horas e começou como uma conversa informal em que a entrevistada ficou à vontade para discutir com o entrevistador os assuntos relacionados às seguintes categorias: escola, profissão de professor e diversidade. Perguntas pré-elaboradas foram feitas para delinear a entrevista. Já no questionário online, realizado por meio de *e-mails*, foram respondidas perguntas relacionadas às categorias: avaliação e aula. A entrevista pessoal e o questionário se pautaram em uma abordagem qualitativa, buscando compreender com maior ênfase a categoria analisada (PAIVA; SILVA, 2015).

2. Optamos por salvaguardar a identidade da professora, por isso a utilização das iniciais de seu nome próprio.

Descrição da história de vida profissional de uma professora da educação básica

A professora MLIR atuou na educação básica das cidades mineiras de Belo Horizonte e Uberlândia. Na primeira cidade ela trabalhou em três instituições, já na segunda, em cinco, sendo uma delas particular. A professora gostava e, ainda gosta, de trabalhar em escolas onde “a direção dá margem para participação da organização da escola” (MLIR, 2014). Ela inclusive cita que não gosta de sistemas “de cima para baixo”, em que ordens da direção são dadas e devem ser cumpridas arbitrariamente. Segundo ela, o diálogo ajuda a melhorar as decisões e, com isso, a escola fica melhor estruturada e comenta que:

talvez por isso seja mais difícil atuar em escola particular, porque nelas você está ali somente para reproduzir. Toda metodologia nova tem que passar pelo crivo da coordenação pedagógica e, assim sendo, você perde sua autonomia. (MLIR, 2014).

A escola em que a professora mais gostou de trabalhar foi a que ela mais realizou trabalhos de campo e interdisciplinares e acrescentou em seu relato que já tentou voltar para a escola, mas não havia vaga. Nessa escola também não havia o maior problema que ela enfrenta hoje: manter uma sala como laboratório permanente. Todo ano ela tem que “brigar” para que seu laboratório não se transforme em uma nova sala de aula. Outro problema que a deixa bem contrariada é a quantidade de estudantes por sala:

salas muito cheias inviabilizam a qualidade de ensino. Embora todos saibam disso, a situação se mantém devido à questão econômica que envolve a educação. (MLIR, 2014).

Ainda segundo a professora,

o governo de Minas Gerais acabou com o currículo da educação básica. Eles retiraram

uma aula de cada uma das áreas das ciências naturais, reduzindo somente para duas por semana. (MLIR, 2014).

Para ela, essas disciplinas são as que os estudantes têm mais dificuldade. A tendência é que o governo reduza ainda mais o número de aulas para que os alunos sejam “empurrados mais facilmente”. Em contrapartida, as ciências humanas ganharam mais aulas. A professora conclui questionando: “essa lógica não deveria ser inversa, visto que quanto maior a dificuldade maior deve ser o investimento?” (MLIR, 2014). Desse modo, além de possuir salas muito cheias, os professores das áreas de ciências naturais ainda têm o problema de redução da carga horária.

Segundo ela, a organização das escolas públicas geralmente é a mesma de tempos anteriores (20 anos atrás): inspeção, direção, supervisão pedagógica, analistas de educação e professores. No passado, nas salas de aula, segundo seu relato, havia tablados em que os professores ficavam, mas “como hoje se procura igualar o professor ao aluno, isso não ocorre mais” (MLIR, 2015). Talvez aqui fique evidente a mudança do papel de autoritarismo, advindo do militarismo, para o construtivismo. Para ela, essa aproximação entre professor e estudantes é importante para o processo de ensino-aprendizagem. Com relação às turmas, ela disse:

sempre escolhi os anos finais. Os meninos são mais maduros, trabalham melhor, têm mais responsabilidade. Além disso, os terceiros anos, por exemplo, ainda correm atrás, eles se envolvem. Nos anos iniciais do ensino médio, os alunos querem somente passar de ano, uma realidade que vem sendo repassada, ano após ano, desde o início da educação básica. (MLIR, 2015).

E acrescenta que professor é aquele que orienta enquanto o estudante tem a opção de escolher seguir ou não. Já sobre a relação com os colegas de profissão, a professora relata que sempre houve relação agradável entre eles,

mas nota que hoje é mais difícil trabalhar em conjunto porque nenhum professor quer se envolver em projetos:

Argumentam que é demorado, não têm tempo e não vale à pena. Fica até cansativo perguntar se algum professor quer entrar em algum projeto. Hoje a comunicação é via e-mails, e, assim sendo, há uma enorme dificuldade nas ações da escola. As coisas não são resolvidas para agora! Seria muito mais fácil ensinar se vários professores envolvessem em uma mesma temática. Daria mais visão científica para os projetos. Isso ficaria ainda melhor quando abordássemos assuntos atuais, assim a escola não ficaria sendo igual à do século passado. (MLIR, 2015).

A professora revela que é exigente, tanto que é considerada pelos estudantes como “a bruxa da escola”. Ressalta que a hora de saber e ensinar a teoria é importante,

em minha área de conhecimento é necessário que os meninos saibam pelo menos o básico. Alguns estudantes do segundo ano não sabem converter metro para centímetro, entre outros. (MLIR, 2015).

Mas não fica somente nisso, a professora tem seu laboratório, que mantém com muito custo, e monta todo tipo de equipamento físico com material simples e barato e que permite que o conteúdo não fique abstrato. Ela criou e cria vários projetos de pesquisa. Atualmente conta com o apoio de estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Um desses programas foi criado por ela em parceria com professores de biologia e de química, que visam analisar como as sementes das plantas se dispersam a partir de fenômenos físicos. Além disso, trabalharam com o processo de secagem de folhas e com a confecção de portfólios, que foram expostos para toda a escola em que trabalha. Aqui entra a questão da transdisciplinaridade, talvez uma das

ferramentas mais úteis para o processo educativo (NICOLESCU, 2002), que, embora tenha pouca ocorrência, ainda pode ser observada.

O salário do professor já foi muito bom, segundo a professora e, para exemplificar, relata que o seu falecido marido, professor de química, que começou a lecionar um pouco antes dela, teve a oportunidade de comprar um carro zero com o salário de dezembro mais o décimo terceiro, isso no início da década de 1980. Entretanto, a professora disse que esse tipo de salário era somente para quem trabalhava em cargos relacionados à prefeitura e que o do estado sempre foi pior. De uma maneira geral, nesse período o professor era mais respeitado e possuía um status social considerado bom ou agradável, segundo ela. Nesse sentido, e discutindo o espaço e o respeito para com o professor em nossa sociedade, ela afirmou que o salário da classe está sempre abaixo ou igual ao mínimo de outras profissões. Ela ainda afirmou: “desde que o mundo é mundo você vale o que você ganha” (MLIR, 2015). Então, mesmo o professor podendo ser considerado pouco valioso, ela acredita que a profissão é o máximo e adora exercê-la: “ensinar é descobrir caminhos para que os estudantes entendam e tenham interesse” (MLIR, 2015). Nesse momento ela se lembrou do pai (que se estivesse vivo, estaria com 104 anos) que preferia ser chamado de professor a doutor (uma analogia a outras profissões, como: advogado e médico, por exemplo, demonstrando que o orgulho que tem pela profissão vem também da admiração por seu falecido pai).

Quanto às escolas inclusivas, a professora disse que não existe e explica:

Há uma confusão com a palavra inclusão. Será que querem dizer vida social ou mera inserção na educação? Se eles querem que seja relacionada à vida social, têm que dar condições de trabalho. Por exemplo, para trabalhar com alunos deficientes visuais deve ter recurso didático adequado. Outra

coisa, as turmas devem ter menos alunos. A realidade de hoje não é inclusiva, esses alunos são excluídos quando se pede para formar grupos, por exemplo. A maneira de incluí-los socialmente é possibilitar que eles possam concorrer de igual para igual com os demais no mercado de trabalho. Isso só é possível dando maior atenção e atendimento adequado. (MLIR, 2015).

Além disso, a professora observa que esses próprios estudantes se desvalorizam (talvez pela forma com que trabalharam desde os anos iniciais) e não querem fazer nada em sala de aula. Para exemplificar, narra que, em certa ocasião, uma aluna com deficiência visual disse-lhe que por ser cega, ela não poderia fazer nada relacionado ao conteúdo de Física. Respondendo, ela disse: “parece que falta um pouco de vontade” (MLIR, 2015).

A avaliação, segundo a professora, deve ser diversificada. Por isso, ela tenta não se prender à teoria e cria espaços para a avaliação prática e para o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas que não se pautem na escrita tradicional.

Parece que a avaliação hoje em dia não tem um significado claro. Se o aluno prova para você que não aprendeu, fica por isso mesmo. (MLIR, 2015).

Aqui, entendi que a professora fez uma dura crítica ao sistema educacional, que resiste ao máximo à reprovação. Cabem, aqui, duas linhas de pensamento: a primeira, deveria sim haver reprovações, e a segunda, o problema não está associado à metodologia de ensino do professor, que é ineficiente para chamar a atenção dos estudantes?

Mesmo assim, seu modo mais comum de avaliar é a partir das notas. Isso porque como são muitos estudantes, ela não tem capacidade de avaliar em todos os momentos quem realmente está trabalhando, até porque, segundo ela “os alunos indisciplinados são os mais evidentes” (MLIR, 2015). A professora declara ainda que todas as atividades têm a mesma importância

e, por isso, o mesmo valor. É oportuno aqui um parêntese para argumentar que questões que exigem raciocínios diferentes merecem notas diferentes (ROMÃO, 1999). Por exemplo, questões de aplicação devem ter maior peso que questões de memorização. Talvez devesse ser repensado o modo de distribuição de notas. Nas avaliações escritas e individuais, a professora cobra o que foi estudado e o que está no livro e em grupo, ela prefere questões que envolvam mais raciocínio e que provoquem discussões. Para avaliar, utiliza quatro ferramentas: trabalho em grupo com uso de livro-texto, prática para construção de algum artefato físico, tarefas de casa e o simulado. Esse último é reflexo das mudanças que as escolas têm enfrentado nos modos de avaliação. Em relação ao simulado a professora afirma:

Ele se parece com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, em nossa escola, ele foi instituído porque prepara os alunos para ficarem mais tempo assentados e concentrados. (MLIR, 2015).

O corpo docente sentiu o despreparo de seus estudantes com relação ao novo modelo de prova para ingresso nas universidades, o ENEM.

A professora considera que sua aula é expositiva dialogada, característica que permite à aula ser sugestiva de mediação e construção do conhecimento. Sendo assim, utiliza meios considerados eficientes para o processo de “ensinagem” (ANASTASIOU, 2009). Ela quase não passa nada no quadro, mas exige que os estudantes usem os livros. Alegou que não existe um livro melhor que o outro, os estudantes têm que aprender a usar os que são disponíveis e complementa: “livro bom é o que o aluno tem” (MLIR, 2015). Ademais, ela ressaltou que os livros não devem ser seguidos a rigor e que eles servem para dar ideias, chamando atenção para a importância de os alunos aprenderem a usar o índice.

Outro ponto considerado importante pela professora é haver um espaço para o

laboratório, visto que os materiais ela improvisa e inventa, assim, ela aproxima o conteúdo à realidade. Seus materiais são CDs, latas, papelão, tampas de garrafas pet e as próprias garrafas pet, espelhos e retrovisores antigos, às vezes até encontrados no lixo, pregos, madeira, entre outros. Vale ressaltar, aqui, a concepção defendida por Freire (2001) de que o professor deve aproximar o conteúdo ministrado à realidade dos sujeitos. Além disso, nem sempre são necessários recursos de alto valor agregado para se construir o conhecimento (ALVES, 2006). Sendo assim, a professora entrevistada seguiu tais perspectivas. Contudo, para se dedicar ao que faz ela conta que nunca precisou sustentar a casa e que sua renda era complementar e, por isso, sempre trabalhou em apenas um cargo. Talvez esse seja o motivo dela ser atuante e empolgada com projetos de pesquisa. O tempo disponível e a possibilidade de não ser o chefe de família podem fazer a diferença.

A professora sempre fez planos de aula, além de planejamentos anuais e bimestrais, que são entregues para a supervisão. Ela possui um caderno, em que, nas sextas ou nos sábados, ela costuma escrever o que irá trabalhar semanalmente com seus estudantes. Posteriormente, ela vai riscando o que já foi trabalhado. Trata-se de um plano de aula informal, ou seja, que não é um tipo de documento, mas sim um controle e, ainda assim, bastante eficiente e, como dito por Masetto (1997), essencial para organização e progresso do processo de ensino.

Quando perguntada sobre as estratégias de ensino, a professora disse usar diferentes técnicas para não ficar no básico “cuspe-e-giz”, como, por exemplo, a construção de equipamentos físicos mencionada anteriormente. Em se tratando de recursos, ela quase não tem acesso a datashow, projetor multimídia ou a outros equipamentos eletrônicos, visto que são apenas dois aparelhos disponíveis para 30 professores. Além disso, ela afirma que nem todo estudante tem celular e acesso à internet e, por isso, ela

toma cuidado para não excluir nenhum deles meramente ao tentar trabalhar com as novas tecnologias. Portanto, ela opta por não usá-las.

Segundo a professora, a relação professor-estudante deve ser baseada na confiança e “como professores, nós devemos acreditar que os estudantes podem chegar onde quiserem” (MLIR, 2015). Ela afirmou que grande parte dos estudantes chega ao ensino médio com autoestima baixa e acrescenta:

talvez, professores que se relacionem com mais humanidade com os estudantes, possam passar respeito, confiança e, enfim, torná-los cidadãos. (MLIR, 2015).

Finalmente, ao falarmos sobre saudade, a professora disse que a única coisa que não tem saudade é da direção arbitrária. Mesmo ainda convivendo no ambiente escolar, ela sente saudades de estudantes mais dedicados. Segundo ela, até o início dos anos 2000, aproximadamente, os estudantes que queriam aprender de verdade eram a maioria, já hoje é difícil achar algum que queira. Os estudantes que queriam aprender de verdade, para ela, eram aqueles que se interessavam pelas aulas e, portanto, não as atrapalhavam, aqueles que disputavam notas, queriam conseguir chegar aos resultados de todos os exercícios propostos e discutir novas ideias de aplicação do conteúdo.

Considerações finais

Este trabalho mostrou a história de vida profissional de uma professora da educação básica. Experiências do passado e do presente revelaram que a educação básica de aproximadamente 30 anos atrás pouco mudou. Isso deve ser levado em conta pelos docentes atuais. Será que um modelo educacional baseado no século passado ainda é eficiente para chamar a atenção dos estudantes? Será que esse não pode ser o grande motivo

pelo desinteresse dos estudantes atuais?

A dedicação docente, envolvendo planejamento, prática docente e avaliação são importantes temas e demandam ser analisados para, posteriormente, se propor metodologias de ensino, tanto para profissionais em atuação quanto para aqueles em formação. Assim, este estudo traz ideias para a criação de repertório ou para a avaliação da educação básica brasileira, podendo apontar melhorias no ensino. E, talvez o mais importante a ser replicado, é a motivação do docente. Embora tenha inúmeras adversidades, a educação deve ser desenvolvida com entusiasmo, como visto nos relatos da professora. Freire (1997) alega que tendo esperança, no sentido de agir para mudar, a educação pode se tornar transformadora, permitindo mudanças sociais, que promovem a cidadania.

Portanto, o tipo de descrição aqui apresentada é crucial para que novos licenciados possam ter repertório e refletir sua práxis docente e também para que estudiosos da educação

analisem e reflitam a realidade da educação básica. Assim, este trabalho contribui claramente para que os licenciandos, licenciados e/ou estudiosos da educação tenham uma visão geral sobre a dedicação, os conflitos, as interações e saibam como funciona o ambiente escolar.

Agradecimentos

O autor agradece à professora MLIR por gentilmente aceitar o convite de participar deste estudo; Regina Nascimento Silva, pelo ajuste editorial e importantes contribuições no texto inicial; Nayane Alves da Silva, por ler o manuscrito e discutir o tema; Profa. Dra. Camila Lima Coimbra por mostrar a importância da história de vida na formação de professores; Prof. Dr. Kleber Del Claro, pelo estímulo a fazer pesquisas; Prof. Dr. Melchior José Tavares Júnior, pelo incentivo a publicar trabalhos em educação e ao CNPq pelos financiamentos (Processos: 144025/2014-0 e 142280/2016-0).

Referências

ALVES, N. Educação e mídia: as tantas faces da professora “usuária” dos artefatos tecnológicos. In: GARCIA, R.; ZACCUR, E. (Org.). **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 225-231.

ANASTASIOU, L. das G. C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5. ed. Joinville: Univille, 2009. p. 1-26.

DEMARTINI, Z. B. F.; TENCA, S. C.; TENCA, A. Os alunos e o ensino na República Velha através das memórias de velhos professores. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 61-71, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIN, A. M.; PÁTARO, C. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. **Cordis Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, n. 1. p. 1-8, 2008.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

MASETTO, M. Um plano e seus componentes. In: _____. **Didática: a aula como centro**. São Paulo: FTD, 1997. p. 86-103.

NICOLESCU, B. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. In: SOMMERMAN, A.; MELO, M. F. de; BARROS, V. M. de. (Org.). **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002. p. 45-70.

PAIVA, C. E. de; SILVA, F. D. A. Concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil da rede pública municipal de Ituiutaba, Minas Gerais. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 56-69, 2015.

ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

Submetido em 20 de abril de 2016.

Aprovado em 29 de junho de 2016.